

TRIBUNA Livre

12
MARÇO
1960

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR-TEL. 02113 - AMARES

Celebrações Henriquinas

Do Finisterra ao Sagro Promontório

Se os Descobrimentos a que os Portugueses deram a iniciativa, por obra e orientação do Infante Navegador, concorreram para a maior grandeza, expansão e proveito moral e material da Humanidade, a partir de fins do Século XIV, também é certo que não pode

desprezar-se um ponto de referência onde a Casa se funda; psicológico e histórico na vida do homem e dos povos de remotas eras, que tacteando os litorais peninsulares a esmerilhar uma passagem mais além, debruçando-se já sobre o Mar à procura de uma língua de terra que lhe permitisse passar a novos continentes, medindo com a vista a largura infinita do Oceano, desistiu e concluiu: *Finis-terrae*— É o cabo do Mundo!

Pela natureza da expressão e de uma raça imperialista que quis avassalar a terra inteira, então conhecida, desde as margens do Mediterrâneo, aos mares do norte e da Ásia a

esta facha peninsular ocidental, esse povo foi o do velho Lácio, quando as suas águias triunfantes chegaram a todos os recantos da Terra e se mais houvesse, mais tentariam dominar.

Mas passou a época das suas ousadias e aventuras e sobre este povo outros vieram não menos ousados e aventureiros, acumulando se por constante compressão nesta fimbria do Velho Continente uma súpula de valores rácicos portadores de novas fontes de energia e vitalidade. Só quem consegue rasgar de cima a baixo os desanuveados horizontes da História em toda a sua

(Continua na 4.ª página)

TRIBUNA DE VIEIRA

Carta de Ruivães

Está a decorrer, nesta freguesia, uma missão religiosa, que tem sido extraordinariamente concorrida.

Os distintos pregadores pertencem à ordem Passionista.

São de uma clareza verdadeiramente evangélica na exposição das verdades da fé e as suas palavras são tão simples que por todos são compreendidas.

São sempre de aplaudir todos os sacerdotes que se prendem mais com a essência de que com a linguagem vernácula, que é de mais difícil compreensão para os menos instruídos.

Oxalá frutifique a sementeira religiosa que os ilustres e

simpáticos pregadores, aqui vieram fazer.

* * *

Os pensionistas e os aposentados do Estado aguardam ansiosos a melhoria da sua reforma.

Ainda bem que o Estado Novo sempre solícito em repor a justiça no seu verdadeiro lugar, não lançou no ostracismo os que honesta e devotamente trabalharam em quanto puderam e o melhor que puderam.

Não seria justo que se melhorasse a situação económica dos válidos e fossem esquecidos os velhos servidores do Estado.

Salazar e o seu governo vejam, graças a Deus.

* * *

Ruivães está de plantão, á espera de que o ilustre Presidente da Câmara de Vieira do Minho dê satisfação ao compromisso que foi tomado por S. Ex.ª ou seja a electrificação de Ruivães e a criação da estação telefone-postal.

Como já tivemos ocasião de aqui dizer e repetir, a Hica e a Chenop tudo nos facilitam num requinte de gentileza que muito nos penhora.

Falta à nossa Câmara meter mãos à obra, e há-de metê-las temos essa fé, porque não julgamos o seu ilustre Presidente

(Continua na 4.ª página)

(Continua na 6.ª página)

Festas Antoninas

A Nova Comissão

Numa promessa feita pelas nossas colunas, aqui estamos prontos a dar ao conhecimento de todos os leitores a nova comissão de Festas a S. António.

As festas, que, como todos sabem, adquiriram um auge de grandiosidade, não podem jamais perecer. Assim, num esforço dedicado dos que ano a ano vêm passando pela comissão, contamos este ano com nomes que nos são total ou parcialmente desconhecidos, pois é pela primeira vez que eles tomam a responsabilidades das referidas festas. Na sucessiva passagem pelos «amigos de S. António» encontramos este ano gente nova capaz de ampliarem as festas e de levar mais longe o nome de Amares

A nossa Câmara que não assumiu responsabilidades, mormente tratando-se de festas do concelho, deixou que os particulares se encarregassem de tudo e de tudo

tomassem conta. No número dos particulares a quem devemos a festa, este ano salientamos os srs: Domingos Rodrigues, José Antunes da Silva, Artur Eleutério Macedo, José Cassiano Macedo e Manuel da Conceição Monteiro e ainda um grupo de Meninas composto por Olímpia Rebelo de Macedo, Ermelinda Dias Paredes, Joaquina de Barros Azevedo, Teresa D. Paredes, Laura P. Janela e Estela Menezes.

Não se poupando a esforços a nova comissão fará o possível por aumentar os números do programa geral.

Brevemente, nas nossas colunas, a comissão publicará um esboço do programa, satisfazendo assim os nossos leitores.

Desde já a comissão endereça um agradecimento a todas as pessoas que se propõem auxiliar as despesas das festas que se realizarão em 11, 12 e 13 de Junho.

C.

LIGA PORTUGUESA

DE PROFILAXIA SOCIAL

Enquanto... (VII)

Enquanto as crianças por falta de infantários ou creches, escolas infantis ou outros estabelecimentos similares ficarem fechados em casa, entregues a si-próprias, por os pais irem trabalhar, o que origina um sem número de desastres gravíssimos, não há, na verdade, grande autoridade moral para criticar o pai ou mãe insensata que assim proceda, visto que a Nação, não podendo alhear-se do destino e do bem estar, presente e futuro de todos os seus filhos, sobretudo dos mais pequeninos, tem o dever de criar o sistema de escolas infantis que as necessidades da vida moderna exige.

Se o pai tem de trabalhar fora de casa e se a mãe já começa a seguir-lhe o exemplo,

não só nos campos, mas também nas cidades, é preciso que durante a sua forçada ausência do lar não fiquem os filhos ao abandono.

A escola primária soluciona em parte o problema das crianças com mais de sete anos de idade, mas é preciso não esquecer as outras, isto é, aquelas que não atingiram ainda aquele nível e que exigem redobrada atenção, carinho e amparo.

O infantário para as mais pequeninas, e o jardim-escola para as maiorzinhas, são soluções perfeitamente viáveis, labor e que o Estado, as Câmaras Municipais e nas juntas de Freguesia devem dar todo o seu decidido apoio, pois as criancinhas de Portugal bem o merecem.

Uma das moedas mais sólidas em todo o Mundo É a Portuguesa

O suplemento da Revista «World's Press News», publicou recentemente um artigo no qual se faziam referências elogiosas ao Plano de Fomento iniciado o ano passado pelo Governo Português.

O articulista refere-se à firmeza da política económica seguida pelo Governo Português que transformou a moeda portuguesa numa das mais sólidas do mundo. «A circulação fiduciária em Portugal, diz o autor do artigo, apoia-se em 50% de reservas—ouro, ou seja o dobro do que é legalmente exigido nos Estados Unidos».

Os inimigos do Governo, diz a «World's Press News» argumentam que serão precisos 20 anos para Portugal atingir o nível de vida de outros países europeus.

Mesmo que assim fosse, continua o articulista, tendo em vista os limitados recursos do país, isto seria uma realização deveras notável. Mas o artigo termina dizendo que é quase certo que, devido ao Plano de Fomento que é realista, Portugal alcançará paridade com os outros, muito antes daquilo que os críticos do Governo afirmam.

JUSTIÇA A QUEM MERECE

Não está certo, que determinados repórteres desportivos, aliás e felizmente repórteres caseiros, se aproveitem da faculdade que o jornal lhes dá para se fundamentarem em considerações descabidas. Um senhor correspondente de «O Comércio do Porto» em Famalicão, quando do jogo do grupo representativo dessa Vila defrontou o Régua, a contar para o Nacional da III Divisão, resol-

veu concentrar inconscientemente a sua reportagem sobre um dos jogadores em campo, deixando no entanto factores sem realce que a meu ver seriam mais importantes. A vítima dessa crítica foi o jogador Vitoriano, e fundamentado na tarde cinzenta que o mesmo havia tido, esquecendo exibições e qualidades demonstradas anterior-

(Continua na 4.ª página)

(Continua na 6.ª página)

TRIBUNA AGRÍCOLA

POMARES

TRATAMENTOS DAS FRUTEIRAS

Em face do crescente número de pragas que atacam as fruteiras — insectos e fungos — o pomicultor é forçado cada vez mais, a declarar-lhes guerra aberta, enérgica e perseverante, para poder colher frutos perfeitos e sãos — únicos que têm valor comercial.

Para isso é indispensável não só determinar as drogas a usar como a data da sua aplicação.

Entretanto é bom não esquecer a fertilização conveniente e abundante das fruteiras, visto que as árvores enfraquecidas são mais fácil preza das pragas.

Embora dispondo de árvores bem fertilizadas, fortes e sãs, isso não dispensa que se façam os tratamentos contra determinados inimigos, aplicando os fungicidas e insecticidas adequados, para combater as principais pragas, para assegurar a quantidade e a qualidade dos frutos, preservando-os, assim como à folhagem das árvores, das doenças criptogâmicas e dos ataques dos insectos.

No primeiro caso os tratamentos têm de ser preventivos, isto é, antes de se manifestar o mal, a fim de se defenderem as plantas dos ataques dos fungos.

No segundo caso, embora também seja necessário fazer o tratamento preventivo quando se aplicam insecticidas de ingestão ou de contacto, actualmente já se dispõe de produtos do tipo do Diazinon ou do Malathion, que actuam mesmo depois de se ter declarado o ataque da praga, desde que a sua aplicação seja feita logo que apareçam os primeiros sintomas.

Embora de ano para ano se tenham modificado os esquemas de tratamentos devido ao aparecimento de novos produtos e do melhor conhecimento dos parasitas, mesmo assim apresentaremos os seguintes:

Tratamento a aplicar nas prunídeas

(Pessegueiros, damasqueiros, cerejeiras, ameixoeiras e amendoeiras).

1.º Contra a lepra

(Quando os gomos florais começam a despontar), aplicar:

Caldas cúpricas (calda bordalesa a 2% ou oxicleto de cobre a 0,4%).

2.º Contra a lepra e crivado

(Quando os gomos florais começam a querer abrir), aplicar:

Calda bordalesa a 2% ou oxicleto de cobre a 0,4% ou enxofre molhável a 0,4%.

3.º Contra os piolhos, cochonilhas, aspidiotus, lagarta da amendoeira, hoplocampo das ameixeiras, etc.

(Após a queda das pétalas e início da rebentação), aplicar:

Caldas de Basudine ou Malaxone a 0,1%.

4.º Repetir o tratamento sempre que se manifeste o ataque de qualquer das pragas apontadas acima.

5.º Contra a mosca da fruta ou do Mediterrâneo

Aplicar 30 dias antes da colheita dos frutos caldas de Basudine a 0,05% ou de Malaxone a 0,1% e repetir 10 dias depois.

6.º Contra a formiga

Logo que apareçam as primeiras formigas aplicar uma calda à base de chlordane, seja o Geigy 73 ou o Formiclor, a 2% (2 litros para 100 litros de água).

Basta pulverizar o tronco das fruteiras até 0,80 m. ou 1^m de altura e a terra à volta do tronco, bem como os muros e os formigueiros que se encontrem. Deste modo o tratamento é eficaz durante 2 a 3 meses.

Tratamento a aplicar nas pomídeas

(Pereiras e macieiras)

1.º Contra o «pedrado»

(Quando os gomos florais começam a despontar), aplicar: Calda bordalesa a 2% ou Oxicleto de cobre a 0,4% com Basudine ou Malaxone a 0,1%.

2.º Contra o «pedrado» e «oldio»

(Quando as flores estão prestes a abrir), aplicar:

Calda bordalesa a 2% ou caldas de enxofre molhável a 0,2%.

3.º Contra o «pedrado», «hiponomeuta», «psilas», «pulgões», «piolhos», etc.

(Após a queda das pétalas), aplicar:

Produtos à base de Zineb (Zincor ou Ditane), a 2% e Produtos à base de Diazinon ou Malathion Basudine 60 a 0,5% ou Malaxone a 0,1%.

4.º Repetir este tratamento de 12 em 12 dias até à última semana de Maio.

5.º Contra o «bichado» e «pedrado»

Por fins de Maio, aplicar: Produtos à base de Zineb a 0,2%.

Arseniato de chumbo a 0,5% Albolineum ou Citronol a 1,0%.

Basudine M. ou Molaxone a 0,1%.

Repetir este tratamento de 20 em 20 dias até meados de Agosto.

6.º Contra a formiga

Aplicar caldas à base de chlordane a 2% nos troncos das árvores até 1 metro de altura e repetir quando se manifestar novo ataque das formigas.

O bom êxito dos tratamentos dependem da oportunidade da sua aplicação e do cuidado com que forem feitos. A falta dum tratamento na sua devida altura pode comprometer todo o trabalho havido, para o que se chama a atenção dos interessados.

Para se colherem os melhores resultados é preciso que os tratamentos contra o «pedrado» sejam feitos, o máximo de 15 em 15 dias e contra o «bichado» de 20 em 20 dias.

Os tratamentos devem terminar sempre umas 3 semanas antes da colheita, por isso, para a fruta que se colha em meados de Agosto, o último tratamento contra o «bichado» não pode passar dos últimos dias de Julho mas, normalmente, o último tratamento tem lugar nas últimas semanas de Agosto.

A produção agrícola de Berlim

3.500 vacas leiteiras — As abelhas não respeitam fronteiras

Quem hoje visita Berlim Ocidental, este mar de casas e edifícios, está longe de imaginar que no seu exíguo território existe uma agricultura altamente especializada. Berlim Ocidental ocupa cerca de metade da área total de Berlim de 89.000 ha. Nessa metade há 8.000 ha de bosques, 4.000 ha de área agrícola útil e 2.400 ha de quintais. Na orla de Berlim Ocidental há uma zona aliás bem reduzida, de aspecto rural. Contam-se pouco mais de 200 empresas agrícolas, mais de 500 empresas de jardinagem, 150 leitárias e 140 empresas que se dedicam à criação de suínos e de aves. A «população agrícola de Berlim» é de 18.000 pessoas, às quais ainda haveria acrescentar um certo número de pessoas de família que ajudam nas empresas.

Há razão de perguntar como é possível alimentar em

Agenda do Lavrador

Nos Campos

— Continua-se a preparar a terra para as sementeiras da época. Acaba-se primeiro a lavoura das reservadas às culturas da Primavera, e começa-se a das que já produziram forragens e ainda podem ser aproveitadas, quando em boa situação e convenientemente amanhadas e adubadas, para milho e trigo serôdios (trigo da Primavera ou tremês). O milho quer terras secas. Com ele se pode semear feijão e também soja. Semear ainda cevada, aveia, ervanço, luzerna, trevos e outras forragens. Em sítios quentes pode começar a sementeira do arroz em viveiro e em lugar definitivo. Em terras altas semeia-se trigo de regueiro; e em lugares expostos ao sol plantam-se batatas. Preparar as terras para a transplantação. Nitratar os cereais atrasados. Mondar e sachar favas e ervilhas temporãs, e semear ervilhas para mais tarde.

Nos Pomares

— Deve terminar a poda das fruteiras de pevide e começar a das de espinho. Pulverizam-se pereiras e macieiras com caldas de sulfato de cobre. Fazem-se ainda enxertos, mas não de borbulha. Nos olivais enterram-se adubos químicos e mobiliza-se o terreno, para que tenha à super-

ficie humidade para a floração das oliveiras. Nas matas semeia-se pinhão e penisco.

Nas Vinhas

Acabar nas vinhas as últimas plantações de bacelos e as derradeiras mergulhadas. Continuam as enxertias. Antes de rebentar a seiva, cavar ou lavar a vinha. Continuar também o tratamento contra as moléstias das cepas (ferrugem, algodão branco e antracnose). Para este efeito usar a seguinte mistura: 100 litros de água a ferver, 10 quilos de sulfato de ferro, e quando dissolvido este mais um litro de ácido sulfúrico deitado devagarinho. Com esta calda se pincelam as cepas, evitando atingir os olhos. Adubar à caldeira, ou espalhando o adubo pelas linhas.

Nas Hortas

— Preparar, estrumar e adubar as terras. Semear em alfobre, ao ar livre, toda a espécie de hortaliças: agrião, aipo, acelga, toda a casta de alfaces, alho francês, azedas, beldroegas, beringelas, beterrabas, bróculos, cabacas, cebolas, cenouras, chicórias, coentros, cominhos, couves de todas as qualidades, erva-cíndrea, ervilhas serôdias, espargos, espinafres, (excepto o de Inverno), feijões, funchos, malagueta, mangerona, melancias, melões, morangos, mostarda, nabos serôdios, pepínos, pimentos, rabanetes temporãos, repolhos, ruibarbo, salsa, tomates e tomilho. Sachar as hortaliças semeadas anteriormente. Regar de manhã as primeiras sementeiras.

Nos Jardins

— Semear (além das flores mencionadas em Fevereiro) abóboras ornamentais, açafates de ouro e de prata, amaranhos, amores-perfeitos, aquilégias, assembleias, asteres, begónias sempre em flor e tuberosas, boas-noites, bocas-de-lobo, bons-dias, cabacinhas, calêndulas, campainhas, campânulas, centáureas, hagas, chorões, clárquias, convólulos, cosmos, cravinas, cravos, cristas-de-galo, dalias, esporas, estrelas-do-egipto, galhardas, girassóis, gloxínias, godézias, malmequeres anuais e malmequeres-de-palha, mangericos, maravilhas, melindres, mimosa pudica, mímulos, papagaios, papões, papoilas, perpétuas, petúnias, piretros, prímulas, resedá, sálvias, saudades, sempre-vivas, trepadeiras, verbenas e zínias.

Visado pela Censura

(Continua na 4.ª página)

TRIBUNA do CONCELHO

Reunião Camarária Caires

Deliberações da Câmara Municipal de Amares

Correspondência — Offícios

Do Hospital de São Marcos da cidade de Braga, comunicando o internamento urgente do doente Palmira Almeida Vieira, de Figueiredo.

Idem do Hospital de São Marcos, Braga, remetendo a factura da importância de 2.520\$00 referente às despesas com o internamento de doentes em Dezembro último, e informando que o débito desta Câmara àquele Hospital, é de 56.331\$10.

Do Eng. Director da Urbanização do Distrito de Braga, informando que foi elaborado um quarto auto de medição de trabalhos executados na conservação corrente das vias municipais, deste concelho, cuja comparticipação do Estado corresponde a 4.925\$00.

O Cantoneiro Municipal, Augusto Fernandes Soares, informa que se torna necessário a reparação de uma picareta.

Do Secretário Adjunto da União Nacional, Lisboa, informando que aquele organismo está a fornecer a vários municípios fotografias de Suas Excelências os Presidentes da República e do Concelho, destinadas às escolas e postos escolares com o formato 64x47, a duas tonalidades ao preço de 5\$00 cada exemplar, informando, ainda, que possui outros formatos, a duas e cinco tonalidades.

Do Instituto Português de Oncologia, Lisboa, remetendo a factura referente ao tratamento de doentes pobres naquele Instituto no mês de Novembro último.

Da Junta de Freguesia de Paredes Secas, pedindo um subsídio de 2 000\$00 para reparação da sede daquela Junta.

Da Professora da Escola Feminina de Rendufe, pedindo o fornecimento de cinco carteiras escolares de dois lugares e tinta e giz.

Do Gerente da Indústria Rebobinadora de Papeis, Lda, Lisboa, informando que aquela firma possui toda a espécie de papel bobinado e em especial os rolos para máquinas de somar e de contabilidade.

Da Junta de Freguesia de Besteiros, pedindo que esta Câmara providencie no sentido de ser construído um edifício escolar naquela freguesia.

Do Funcionário desta Câmara, António de Azevedo Sá Coutinho Russell, apresentando o boletim de abono de família referente a seu filho.

Do Director da Empresa Nacional de Aparelhagem Eléctrica, Lisboa, apresentando os seguintes preços das lâmpadas LUMIAR: lâmpadas de 220/15 wats e de 220/25 wats a 3\$80 cada unidade; de 220/40 wats a 4\$20 e de 220/60 wats a 4\$80 por unidade.

Do Chefe da Repartição da Direcção Geral da Contabilidade Pública, informando que é nesta data expedida a guia de receita do Estado da importância de 23.266\$10 respeitante à anuidade de 1960 do reembolso de parte das despesas com a construção de edifícios para escolas primárias—Plano dos Centenários.

Do Jardineiro Municipal, informando que se torna necessário adquirir para os jardins municipais, três carros de estriume.

Do Eng. Chefe da Secção de Licenciamento de Licenças da Direcção Geral dos Serviços Eléctricos, pedindo o pagamento da importância de 300\$00 relativa à taxa de licença de estabelecimento de uma remodelação da rede de distribuição em BT, em Barreiros.

Da Electrificadora de São Marcos, apresentando os seguintes preços para lâmpadas eléctricas: lâmpadas de 220/15 wats e 220/25 wats a 5\$90 cada unidade, lâmpadas de 220/40 wats a 6\$60 cada uma; lâmpadas de 220/60 wats a 7\$70 cada unidade.

Do Conservador do Registo Predial deste concelho, informando que para o registo dos bens do património municipal é necessário documentos de aquisição, que no caso de não existir poderão ser supridos por meio de acção de justificação judicial ou escritura de justificação notarial.

Do Eng. Alberto José Vale Rego Amorim, Braga, remetendo o projecto do prolongamento da Estrada de ligação da E.N. n.º 205 à Ponte sobre o Rio Homem.

Da Iluminante, Lisboa, informando que o débito de esta Câmara aquela firma é de 863\$50, desejando saber quando poderá contar com a liquidação daquela importância.

(Continua no próximo número)

Mês de Março:

O mês de Março é consagrado a S. José, todos os dias se fazem na Igreja paroquial, com bastante assistência, os piedosos exercícios em honra do protector das famílias e o exemplar dos operários, como preparação para a sua festa anual no próximo dia 19 de Março.

Os Josés de Caires, reunidos em comissão, vão mais uma vez mostrar a sua fecunda vitalidade. Fazemos votos para que todos os Josés de Portugal consigam das supremas Autoridades, que o dia 19 de Março seja dia santo de guarda, feriado Nacional e S. José, seja considerado «O dia do Pai» assim como o dia 8 de Dezembro, é o «dia da Mãe».

Os Romanos consagraram o mês ao deus Marte.

Desde o dia 1 até ao dia 31, os dias crescem 1 h. e 18 m.tos; o dia 1 tem 11 h. e 14 m.tos e a sua noite 12 h. e 46 m.tos, o dia 31 tem 12 horas e 32 m.tos e a sua noite 11 h. e 28 m.tos. O dia e a noite do dia 20 são iguais, (Equinócio da Primavera).

O próximo dia 15 de Março é dia de S.to Henrique; faz lembrar as Comemorações Henriquinas que começaram triunfalmente no passado dia 4 em todo o Portugal e que tem e terão repercussão em todo o Mundo.

Fazemos votos para que o nosso concelho de Amares, terra de D. Gualdim Pais, as celebre também com todo o brilho e esplendor.

Páscoa

= Este Ano, na páscoa — dia 17 de Abril, vamos ter música, devido ao entusiasmo dos nossos mordomos senhores Luiz Gonzaga da Silva, do lugar do Freixeiro, e Secundino Fernandes, do lugar das Penas. Se Deus o permitir e os músicos não desafiarem, ainda havemos de ter mais alguma coisa; lá diz o ditado antigo: A galinha — põe. O Homem — propõe. O vaidoso — antepõe. O operário — compõe. O teimoso — contrapõe. A testemunha — depõe. O químico — descompõe. O industrial — expõe. O estado — impõe. O intrigante — indis põe. O intronmetido — interpõe. O ajuizado — repõe. O orgulhoso — sobrepõe; O ladrão — transpõe. O viajante — ultrapõe e Deus — dispõe.

Aniversários Natalícios

=Esta semana fizeram anos, no dia 8, Manuel José Pereira Lata; dia 9, D.ª Mercedes Costa; dia 10, Dr. Felicissimo

Banda dos Bombeiros Voluntários de Amares, Campanha de Sócios Protectores

Continuam a chegar à nossa redacção, numerosas assinaturas para sócios protectores da nossa Banda de Música. Assim o povo do nosso Concelho mostra bem alto o amor que tem pela sua Banda.

Deram-nos a honra da sua inscrição, mais os Ex.mos senhores:

Dr. Manuel Arantes Rodrigues	Feira Nova
António da Silva Ribeiro	» »
Eduardo Fernandes da Cunha	» »
António Santos Barros	» »
José Augusto Gonçalves	Rio-Caldo
Domingos Oliveira	Rendufe
Manuel Ribeiral	Lago
Augusto Rodrigues Veloso	» »

Os nossos agradecimentos

A Direcção

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Dia 14 — O senhor Dr. Manuel Arantes Rodrigues digno conservador do Registo Civil, Registo Predial e Juiz do Julgado de Amares.

Dia 16 — o senhor João Augusto de Almeida.

Dia 17 — a snra. D. Maria de Fátima Barros Azevedo Gonçalves, os senhores Jaime de Abreu Dias, Domingos José Dias e António da Silva «electricista».

* * *

Passa no dia 18 do corrente, o aniversário natalício do menino José Carlos Antunes Martins, filho querido dos nossos conterrâneos e amigos, Sra. Teresa de Jesus Antunes e Daniel Lourenço Martins, que se encontram no Brasil.

Ao aniversariante, «Tribuna Livre» deseja-lhe as maiores felicidades.

do Vale Rego Campos, dia 11, Jaime Antunes de Almeida, dia 13, D.ª Herminia Rosa Vieira, dia 14, o Senhor Dr. Manuel Arantes Rodrigues — A todos, as nossas efusivas saudações com votos de longa vida muito feliz.

C.

Aviso

Avisa-se o Comércio em geral, de que todo aquele, que trabalhar, em determinadas actividades ligadas ao fabrico, preparação, venda de qualquer género alimentício, é obrigado a possuir o boletim de sanidade e a renová-lo anualmente; sob punição da multa de 160\$00 para o empregado e 320\$00 para o patrão que o admitir sem boletim.

A fiscalização está a cargo de todas as autoridades, incluindo a Intendência Geral dos Abastecimentos.

A G.N.R. de Amares, vai muito em breve proceder a uma rigorosa fiscalização, promovendo aos infractores as competentes multas.

Aqui fica o aviso, para não alegarem desculpas injustificadas, e não se lamentarem quando a fiscalização lhe bater à porta.

HUMORISMO

Muito Mal

— Então snr. António, está melhorzinho?

— Nada, nada, snr. Doutor. Estou tão mal que até julguei que o snr. Doutor vinha dizer-me que eu tinha morrido

Tio velhote

Um tio já bastante idoso perguntava a seus sobrinhos: — Que fareis quando eu morrer e vos deixo?

— E vos deixo quanto?

PÊLOS

Destruição definitiva pelo processo mais moderno e rápido

RUA DE S. VICENTE 94 || BRAGA

Constituição de Sociedade (POR MINUTA)

Por escritura desta data, lavrada nas notas do Cartório Notarial do Concelho de Amares, a cargo do Dr. Dario Martins de Sousa, foi constituída entre José Joaquim Leite, Manuel Gonçalves Leite e José Gonçalves Leite, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos e sob as clausulas constantes dos artigos seguintes:

1.º—Esta sociedade adopta a firma José Leite, filhos, Limitada, vai ter a sua sede e estabelecimento no res-do-chão do prédio urbano, pertencente ao primeiro outorgante que se compõe de UMA MORADA DE CASAS E ELDADO JUNTO, sito no Largo Doutor Oliveira Salazar, do Concelho de Amares, confronta actualmente do nascente com a Avenida Sá de Miranda, Narciso José Gonçalves e outros, do poente com o primeiro outorgante, do norte com o Largo Doutor Oliveira Salazar e do sul com o caminho, descrito na Conservatória do Registo Predial de Amares, sob o número dezasseis mil novecentos e vinte e quatro e inscrito na respectiva matriz sob o artigo oitenta e um, com o valor matricial corrigido, o referido res-do-chão, de dezoito mil trezentos e sessenta escudos.

2.º—O objecto da sociedade consiste no comércio de mercearia, ferragens, drogaria, adubos, materiais de construção, pólvora e qualquer outro ramo comercial que os sócios resolvam explorar e à sociedade convenha.

3.º—A sua duração é por tempo indeterminado e da-ta o seu começo no dia um de Outubro próximo.

4.º—O capital social é de CINQUENTA MIL ESCUDOS integralmente realizado, sendo de cem escudos a quota se sócio José Joaquim Leite e de vinte e quatro mil noventa e cinco escudos, a quota de cada um dos sócios Manuel Gonçalves Leite e José Gonçalves Leite, representados por vinte mil e duzentos escudos em dinheiro e dois mil setecentos e cinquenta escudos representados pelos valores que constituem o estabelecimento de mercearia, ferragens, drogaria, materiais de construção e adubos que possuem no prédio já descrito, com o qual entram para a sociedade nas condições adiante indicadas.

5.º—Qualquer dos sócios poderá fazer à sociedade os suprimentos de que ela careça, nas condições deliberadas em assembleia geral.

6.º—A gerência social, dispensada de caução, compete a todos os sócios que entre si distribuirão os respectivos serviços de comum acôrdo, não sendo, porém, obrigatória a presença do sócio José Joaquim Leite.

PARAGRAFO PRIMEIRO—Os documentos de mero expediente poderão ser firmados por qualquer dos gerentes; os de responsabilidade, porém, só terão validade quando assinados pelos sócios Manuel Gonçalves Leite e José Gonçalves Leite.

PARAGRAFO SEGUNDO—É expressamente proibido aos gerentes obrigar a sociedade em actos e documentos estranhos aos negócios sociais, nomeadamente letras de favor, fianças, abonações responsabilidades semelhantes. O que infringir o estipulado além de responder individualmente pela obrigação assumida, indemnizará a sociedade dos prejuizos que lhe cause com a infracção.

PARAGRAFO TERCEIRO—Ao sócio José Gonçalves Leite, compete comprar e vender veículos que se destinem ao uso da sociedade.

7.º—A cessão total ou parcial de quotas entre os sócios ou a favor de descendentes legítimos é livremente permitida, porém, para estranhos, têm direito de opção os consócios do cedente.

8.º—Anualmente será dado em balanço com referência a trinta a um de Dezembro, devendo os lucros líquidos apurados, depois de retirada uma percentagem não inferior a cinco por cento para fundo de reserva legal ser divididos pelos sócios na proporção das suas quotas, da mesma maneira serão sopurtados os prejuizos.

9.º—Falecendo ou incapacitando-se qualquer dos sócios, a sociedade continuará com os sobreviventes ou capazes; os herdeiros do falecido ou o representante legal do incapaz, só poderão ficar nela se aqueles com isso estiverem de acôrdo, sendo, neste caso, os herdeiros representados por um só, à sua escolha. Se os ditos herdeiros ou representantes não ficarem na sociedade, receberão tudo quanto se mostrar pertencer-lhes em face do último balanço aprovado.

10.º—As assembleias gerais serão convocadas, por meio de cartas registadas expedidas aos sócios com a antecedência não inferior a oito dias, salvo os casos em que a lei exija prazos ou formalidades especiais de convocação.

11.º—Em tudo o omissso regularão as disposições da lei aplicáveis.

Cartório Notarial de Amares, 29 de Setembro de 1959

O. Ajudante,
José Abreu Dias

Celebrações Henriquinas

(Continuação da 1.ª página)

plenitude, e principalmente no ponto que respeita as sucessivas emigrações dos povos, com a sua influência nos ditames e desígnios do futuro, pode compreender a avaliável distância que, no tempo e no espaço, vai ou vem do Finisterra ao Sacro Promontório e considerá-la em todo o seu magno alcance.

Deus pôs na alma humana a sêde do Infinito e essa mística uisondável manifesta-se, hoje mais que nunca, nas proporções exageradas do génio e lucubrações da actualidade presente!

Com os olhos postos na imensidade da Terra, gentes de vária espécie e origem caminharão de oriente para ocidente, vencendo e transpondo montanhas, até esbarrarem com o mare oceanum.

Celtas e Iberos; Fenícios, Gregos, Cartagineses, Romanos e Bárbaros senhorearam mais ou menos tempo a terra, procurando os primeiros possuí-la em paz. Os outros revzaram-se e percorreram o solo peninsular em competições de direito do mais forte, fazendo correr rios, de sangue na ansia de aniquilarem-se reciprocamente.

O instinto guerreiro, com a falta de uma saída ou válvula de segurança, onde as muralhas do Mar se levantavam cada vez mais espessas e somprias, tornou-se o céu da Península o mais tempestuoso da Europa e a Espanha o maior campo da batalha quando a África também aqui veio marcar a sua odiosa presença.

Justiça a quem merece

(Continuação da 1.ª página)

mente, dizia o mesmo correspondente: «Vitoriano é uma verdadeira «anedota», e não; foi uma verdadeira anedota, e mais, «Vitoriano não tem jeito de futebolista», etc.

Não teriam tais palavras chocado quem quer que fosse, nem tão pouco alarmado niuguém, se fossem elas referentes ao jogo que o mesmo tinha realizado. O que revolta e o que não está certo, é que o mesmo senhor «C» tenha tomado a liberdade de por meio do mesmo jornal fazer afirmações sobre o mesmo jogador, que se não fossem as suas qualidades bem conhecidas de todos quantos dirigem o prestigioso Clube, teria o mesmo sido lançado num descrédito absoluto.

A tudo isto me refiro pois nem todas as pessoas se podem convencer que tais considerações fossem feitas por pessoa descabida de capacidade para o fazer. O que me leva a procurar nas colunas deste jornal a justiça que o caso merece, é porque todos

A produção agrícola de Berlim

(Continuação da 2.ª página)

Todas as semanas circulam pelas ruas carros, quase sempre puxados por cavalos e ouve-se o pregão tradicional: «Lenha contra cascas de batatas!»

A produção de leite de Berlim é de 44.000 litros por dia, o que corresponde a apenas 11,0% do consumo, dos sectores ocidentais, com os seus 2 milhões de habitantes. Durante o bloqueio de Berlim em 1948/49 foi pelo menos possível abastecer doentes e lactantes com leite berlimense. Nos matadouros de Berlim abatem-se cada ano 6.000 bovinos e 1.000 vitelas assim como mais de 20.000 suínos criados na própria cidade.

Nos arrabaldes vêem-se frequentemente ovelhas leiteiras, cujo número é hoje maior do que o de cabras. O seu

os Feiranovenses conhecem perfeitamente os predicados do jogador em causa, e a notícia causou entre eles verdadeira revolta.

Que o senhor «C» dissesse que o mesmo não era proveitoso á equipa, tudo seria aceitável, agora dizer que não tem jeito de futebolista, não, pois é conhecido por todos como sendo um jogador essencialmente ablidoso.

Torna-se portanto necessário, que os senhores repórteres compreendam bem a missão de que os incumbem, e que não tomem a mesma como um meio de vingar questões particulares.

J. M. F. B.

número total é de 1.700. número de cabras diminuiu nos últimos dois anos 40,0%.

Das 200.000 galinhas Berlim cerca de 30.000 vem em quintais enquanto demais foram registradas grandes aviários. Nada nos de 12,0% dos ovos consumidos em Berlim são produzidos na própria cidade. Além disso há empresas que se dedicam à criação e gorda de frangos e de patos fornecidos a hotéis e restaurantes.

Uma autêntica curiosidade são nada menos de 50 cidades de criadores de coelhos. Calcula-se que em Berlim se comem anualmente cerca de 340 toneladas de carne de coelho. A produção de peles de coelho é de 140.000.

A maioria dos 800 apicultores de Berlim são amadores. Os 8.000 enxames respeitam as fronteiras e não têm um contrabando activo de mel em laboração. Os apicultores atestam a sua importância com uma produção anual de 60 toneladas de mel puro e 3 toneladas de cera.

Para completar o panorama devemos ainda citar que em Berlim se contam 1.500 cavalos.

Na sua maioria trata-se de cavalos de sela. Das ruas de Berlim desapareceu o cavalo tradicional, mas de vez em quando ainda se vê um outro cavalo. Como noutras cidades alemãs as cervejarias mantêm a tradição dos cavalos de raça, autênticos gigantes num mundo modernizado.

«A vida do estudante»

I

Não é fácil como parece
E não pouco fatigante,
A missão quando briosa
Da vida do estudante.

II

Estudar, sempre estudar
De noite até horas mortas,
Buscando conhecimentos
Para tirar boas notas.

III

Semanas, meses e anos
Encerrado num liceu,
Faz lembrar a pena imposta
Dum condenado Romeu.

IV

Por vezes perde o sorriso
Saturado do estudo,
Ganhando aborrecimento
A tudo... mesmo a tudo.

V

Aos livros, às salas d'aulas
Ao recreio e corredores,
Chegando a aborrecer-se
Dos seus próprios professores.

VI

Mas essa tarefa um dia
Tem o seu fim desejado,
E depois surgem saudades
Desse espinhoso passado.

VII

E no desenrolar da vida
Há esta afirmação constante
O melhor tempo p'ra mim
Foi o tempo de estudante.

Tancos 22/2/59
José S.

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

MONOGRAFIA DE TERRAS DE BOURO

(Por DOMINGOS M. DA SILVA)

N.º 61

(CONTINUAÇÃO)

Com os seus montados suspensos das alturas de Paranhos e Santa Cruz, o povoado aninha-se pela *Ribeira* em terreno pouco acidentado e mimoso de todos os frutos, cereais, vinho verde e azeite.

Habitações de boa e sólida construção, ostentam algumas delas elegantes escadarias de fino granito bem trabalhado e nas padieiras dos portais, que dão para os amplos quinteiros, gravadas as datas da sua execução, deixam entender que o século XVIII foi o das suas maiores possibilidades e resurgimento.

É fama ter havido aqui bons cozinheiros quando o Gerês e Caldelas recrutavam ao perto o seu pessoal hoteleiro e a cozinha portuguesa conquistava seus títulos de celebridade, com o seu cabrito bem temperado de verdasco e salgadeira e assado no forno de cozer pão. Consta que, repetindo a prática de tais receitas em casa e na volta do ano, assim se foi lentamente cavando a ruína de alguns bons proprietários. Bem pode ter sido assim, pois sabido é que a lavoura não comporta grandes exigências de culinária.

Pelo menos assim o ouvi dizer em criança, que para aqui caminhei com os livros e a boroa às costas, que durasse para uma semana, a aperfeiçoar as primeiras letras com o mestre Secundino Martins que Deus tenha em sua glória. Sou do tempo em que a recordação destes primeiros desbravadores das inteligências rudes das crianças das aldeias e das montanhas, com os episódios que acercavam a mocidade, ficavam para sempre aureolados de uma certa ternura e saudade; e mais esses mestres distribuíam *bolos* à vontade.

As crianças de hoje são bem mais felizes pelo muito que se tem providenciado em terem o ensino quase ao pé da porta e receberem de seus superiores provas de estima e respeito a que nem sempre sabem corresponder pela vida fora. E com isto, vamos passar adiante.

A igreja matriz é rica e luxuosa em seu interior. Altar-mór joanino, com uma linda tribuna.

Ao arco-cruzeiro, rodeando toda a volta, apurada obra de talha que se continua do alçado dos altares colaterais e são: à parte do Evangelho dos Corações de Jesus e de Maria; do lado da Epístola o da Sagrada Família; depois o de Jesus Crucificado e defronte o de Santo António.

No tecto, de madeira pintada, tem ao centro a imagem do Salvador; nos cantos as dos Evangelistas. O tecto da capela-mór fecha por uma clarabóia ao centro, de que recebe muita claridade.

Tem paramentos de fino damasco nos gavetões do extenso arcaz de castanho antigo, da natureza da boa região que o produziu. Arrumada a um canto, a tradicional *umbela* que mais se utilizava quando solenemente ia o Senhor-fora, de dia ou de noite, e neste caso se iluminavam de velas e candeias as janelas da povoação.

A torre tem bons sinos e relógio. Ao lado da igreja, em plano inferior, fica o cemitério.

Na frontaria, acima da gateira que dá luz para o coro, a imagem do Salvador, de pedra. Junto à porta do fundo, para o adro, tem uma lápide de mármore:

Ao saudoso condiscípulo Manoel José Marques, no primeiro aniversário do seu falecimento, o Curso Theológico de 1908 — 1911. VI — X — MCMXIV.

No chão está a sepultura do que acima respeita.

Defronte da igreja conservam-se levantadas, há umas dezenas de anos, as paredes de um edifício que se destinou a escola mas não foi aprovado. Querem fazer daí a «casa da fábrica» e das reuniões da Junta.

Ali à volta pelo terreiro e à beira do caminho as cruces da via-sacra, algumas mutiladas, todas elas têm em alto relevo diferentes insígnias e figuras da Paixão, esculturas estas que lhes dão especial valor artístico e originalidade.

Em caracteres gravados de cima a baixo lê-se numa delas:

ESTA/ CRVZ/ MA/ FA/
JOÁ/ FRN/ CISC/ OLV/
GARDE/ APO/ RTA

Vista a irregularidade da inscrição, por não caberem as letras na pedra da cruz, entende-se pelo plural:

(Continua no próximo número)

Condições de Assinatura

Continente	
Ano	50\$00
Semestre	25\$00
Ilhas	
Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco,—ano	80\$00
Semestre	30\$00
Brasil	
Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	60\$00
Semestre	30\$00
Estrangeiro	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00

MINHA MÃE

por Abel Antunes

Minha mãe — aquela mulher, aquela santa que foi escolhida por Deus para me trazer ao mundo.

Minha mãe — rosto pálido, mãos gretadas e voz trémula, mostra bem o sofrimento e os dissabores que por nossa causa tem passado. Oh! como os filhos são ingratos, porque só tarde e mal sabem

reconhecer o quanto devem amar sua mãe.

Essa mulher de Deus que treme de dor ao ver um filho na roda da amargura; que sofre quando os seus filhos fazem exames; enluta o coração quando os vê forçados a sair de casa, que entristece profundamente quando algum filho lhe «foge» para formar um lar, todavia, amenizado pelo desejo de felicidades para a nova vida do seu descendente e, que vive com o expoente máximo da emoção o evoluir destes seus entes mais directos, torna-se a rainha do sofrimento constante.

Sabemos dar o apreço a tudo isto? Não! Não o sabemos dar. E, só quando encontramos as grandes dificuldades na nossa vida de independentes, passamos a perceber com uns simples lampejos a ingratidão que paira sobre nós. Podemos dedicar todo o afecto à nossa mãe que ele será sempre insuficiente para saldar enorme dívida que temos sobre ela.

Coitada da mãe! Termina a sua passagem pelo mundo, conforme nele apareceu — Só; mas, a seu lado fica aquele que o seu amor soube escolher na fresca juventude e que se transformou num poço de desabafo de mágoas para ela: o meu pai.

Os filhos nascem, crescem e fazem-se homens, mercê do carinho da mãe. Ganham asas e levantam voo, sempre com as preces fervorosas da mãe!

Pobre de quem é mãe. À lareira, medita no passado e naquele tempo que os seus «rebentos» ainda vinham longe e, olhando para essas três décadas, só vê aquela grande nuvem que coloca o coração na penumbra — a saudade.

De hora em hora, a mãe pensa no seu filho e solta um «ail» o que contribui para um aumento de sofrimento. Para que te aflijes tanta, mãe? Pobre mãe! És o ser vivo que à superfície terrestre sofres mais.

Por que não compreendemos inteiramente todo este permanente sofrer da nossa mãe? Agora compreendemos mal, mas um dia que essa santa nos faltar, diremos bem alto fazendo eco com os nossos pulmões e com os olhos a transbordar de lágrimas, quanto lhe devemos e queremos. Eu lembro-a na véspera dos seus anos. Na véspera do seu início, como do meu.

Tribuna Desportiva

Campeonato Regional da II Divisão

Na 5.ª Jornada, os resultados obtidos foram os seguintes:

F. C. de Amares 2—Prado 1
Fão 0—Vizela 1
Fluvial 2—Vilaverdense 1

A nota saliente desta jornada, foi a vitória alcançada pelo Vizela em Fão, continuando assim no comando da classificação, sem qualquer derrota. Nada mais há digno de nota, pois o desfecho dos outros jogos, não foram além daquilo que se esperava e que era de prever.

Na classificação operaram-se algumas modificações, ficando agora assim ordenada:

Classificação	Jogos	Pontos
Vizela	4	11
Fluvial de V.	3	9
F. C. de Amares 4	4	8
G. D. de Prado 4	4	8
Fão	4	7
Vila Verde	5	7
Campelos	4	6

A sexta jornada é composta dos seguintes encontros:

Vilaverdense—Campelos
Vizela—Fluvial
Fão—Prado

Nesta jornada, é ao F. C. de Amares que cabe o descanso, e na jornada seguinte, deslocar-se-á a Fão, agradecendo portanto a sua Direcção, a quem desejar acompanhar o clube se dirija ao senhor Armando Joaquim Dias, na Farmácia Marques Rego desta Vila, a fim de fazer a respectiva inscrição.

F. C. de Amares 2 Prado 1

Com bastante assistência, facto que não era costume registar-se no Campo de Jogos Luiz Calheiros de Abreu, a contar para o Regional da II Divisão, o grupo local derrotou o G. D. de Prado.

O Futebol Clube de Amares, alinhou:

Tomé, Barbosa, Jaime e Almeida; João e Martins; Fernandes, António, Barrosa, Pinto e Chico.

Os visitantes, que surpreenderam os locais, pois mostraram-se aguerridos, depois de várias investidas e num período em que se jogava taca a taca, conseguiram o primeiro tento da partida, por intermédio de Barreto, aproveitando uma confusão junto da baliza de Tomé. Logo em seguida os locais numa das suas avançadas, e por intermédio de Barrosa, a transformar bem um livre obtiveram o melhor golo da partida, sendo no entanto anulado por um dos auxiliares do juiz da partida, tendo ele sido absolutamente legal.

Quase ao findar a primeira parte, Jaime saiu, e entrou Fernandes.

Na segunda metade da partida, as coisas correram um pouco diferentes, e o domínio pertenceu quase sempre aos locais, sendo no entanto de salientar a boa réplica dada pelo adversário, que mesmo assim e por intermédio de Mau conseguiram marcar mais um golo, aliás anulado.

Pelo onze de Amares, marcaram, Fernandes e Martins.

Ao intervá-lo 0-1.

O árbitro não foi muito feliz no trabalho realizado e os seus auxiliares, estiveram pior.

Nos locais salientaram-se: Tomé, João, Pinto e Chico, e nos visitantes Gerónimo e Barreto.

J. M. F. B.

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos, desde os mais simples aos mais luxuosos.

TRIBUNA DE VIEIRA

Ao meu irmão, que vê a beleza fugidia da Natureza por trás dos lúgubres muros dum sanatório...

Assim és tu, Vieira do Minho

por Cícero Dias

Assim é para mim esta Vila de Vieira: Na primavera, um coração multicolor, cheio de fragâncias, que no seu rítmico pulsar, no pulsar da Natureza, ora traz flores garridas, folhas viçosas, melodiosas músicas dos pássaros, ora traz imensos turistas com os olhos ávidos que os afogam nesta beleza embriagante, nesta dádiva dos céus com que Deus nos doa. — Vieira é um jardim em flor balbuciam eles quando saudosos abandonam esta filha da cabreira.

Realmente, assim é, Vieira, cercada de altos e irregulares montes, tendo em frente, a formar a linha do horizonte, do lado do Oriente a magestosa, Serra da Cabreira que se ergue para o céu qual impávido gigante que está sempre pronto a defender as povoações que os seus membros e tronco dominam. É com a sua fertilizante seiva que se forma o rio ave, que lá vai cantando encosta abaixo, regando os campos ressequidos; movendo as mós dos moinhos; desaguando em albufeiras para formar a electricidade; movendo enormes fábricas de tecidos, serrações e lagares. Por todo lado por onde passa, este caudal de águas cristalinas semeia o bem e o progresso, a musa e o descanço... É com estas límpidas águas que vive muito pobre e muito rico... e, enquanto correm, leva sempre no primeiro entremurro, a saudade e a bênção do povo de Vieira.

A água corre, mas a Vila fica... com os seus telhados de ardósia vermelha a assomar tímidos por entre as copas dos pinheiros e eucaliptos, sempre acariciados por uma brisa adorenta e fresca. Os solares, sintoma de requinte e de nobreza antiquada, os «chalets» orgulho da nobreza moderna a qual se imprimiu nos traços arquitectónicos; as barragens, cenário soberbo que muito engrandece esta Vila de Vieira; e o Parque... O Parque? Oh! Assim... O Parque! Alvo de todos os olhares; paraíso dos namorados e dos excursionistas que sempre encontram lá uma fresca debaixo dum cedro ou dum carvalho a convidá-los a abrirem as cestas dos merendeiros e, enquanto comem, comentam a beleza, a limpeza e o carinho com que é tratado. Escondido nessa luxuriante verdura, um «rink» de patinagem, um «coute» de ténis e uma soberba «estufa» onde rosas e belas flores sorriem com a sua candura delicada. Para verem tudo isto, vale a pena os turistas fugidios dos calmos domingos do estio retrocerem um pouco e visitarem esta vila escondida que sempre oferece um quadro belo e surpreendente de cores garridas, de asseamento e de frescura.

O que sinto desta Vila de Vieira não é com palavras que me posso exprimir... apenas digo mais: Em Vieira o sol tem mais calor; e o luar tem mais frescura!

O Grémio da Lavoura

«E os seus Empregados»

Com o recente falecimento do Snr. Brás Cândido César, que foi, distinto e honestíssimo funcionário do Grémio da Lavoura, deste concelho, a Direcção desta Organização Corporativa, encontra-se com certo ataranto, para encontrar, pessoa de igual condição, para aquele lugar vago.

Se algumas deficiências tem havido nesta Repartição, nem sempre é culpada a «Direcção» que, tem sempre, dentro do possível, procurado remediar qualquer falta que porventura surja.

Consta-nos que, o Gerente do Grémio, junto com outro funcionário, procura colocar na vaga referida a «Esposa» deste que é Regente Escolar.

A Direcção do Grémio, não está de acordo e muito bem, pois não está dentro da doutrina do «Estado Novo» e numa «Repartição Corporativa» colocar-se como funcionária a «Esposa do «Guarda-Livros» da mesma Repartição!!!...

Lida-se ali com dinheiros públicos e não é aconselhável, colocar-se naquele lugar «Senhora», quanto mais a Esposa do próprio Guarda-Livros...

Procure-se para aquele lugar, homem competente e de bom senso e que seja «Nacionalista».

Enquanto é tempo, se chama a atenção, de quem superintende nestes serviços.

C.

Visado pela Censura

3.ª Grande prova de Iniciação em A M A R E S

Como nos anos anteriores, vai realizar-se mais uma vez a prova de iniciação no concelho de Amares, que terá o seguinte itinerário.

Feira Nova, Amares, Figueiredo, Dornelas, Goães, Santa Marta de Bouro, e Bouro Santa Maria, vice versa, até à Feira Nova, Besteiros, Portela, Caldelas, Torre, Fiscal Rendufe e Feira Nova (meta).

É grande o entusiasmo por parte do comércio local que não se tem negado a dar os prémios, salvo caso de um ou outro, mostrando mais uma vez o interesse que tem por este desporto.

Damos a seguir nota das firmas que patrocinaram nesta prova:

Armazéns da Feira, José Gil de Macedo, Alberto António da Silva, José Joaquim Leite, Filhos, Joaquim Barbosa de Macedo, Farmácia Marques Rego, Farmácia Pinheiro Manso, Mário António Ramos de Azevedo, Menal, A Modelar, José Manuel Martins, Bar de Santo António, Talho central de José Fernandes de Araújo, Francisco Ferreira das Neves, comerciante de Azeite, Domingos Dias, Adega Regional. Haverá também em Amares um prémio para o corredor que no regresso de Bouro cortar a meta em primeiro lugar, oferecido pela Loja Nova e outro em Caldelas oferecido por António Alves da Mota.

«Carta de Ruivães»

(Continuação da 1.ª página)

e os vogais da edilidade Vieirense capazes de fazerem que andam sem se mexerem.

Ruivães merece-o, pela sua numerosa população, pelo abandono a que tem sido votada, e pela sua inequívoca lealdade à doutrina do Estado Novo.

* * *

Consta-nos que ainda não começou a fazer-se o estudo do caminho Municipal para Frades, melhoramento da mais alta importância para esta freguesia e também para a de Cabril.

O progresso exige que se ande, e parar é morrer.

Desculpem-nos, aqueles que tiverem o incómodo de nos ler, este «pulsate et apperictur vobis», filho da nossa já longa experiência.

Ai de nós, os que temos direito à vida, se cruzassemos

os braços e nos puzessemos à espera do maná do deserto.

* * *

Tem aqui havido uma grande falta de batatas, e algumas que por milagre aparecem são casos em sucesso.

Salvo o devido respeito, a melhor forma de o seu preço se tornar acessível seria mandar-se vir em abundância batatas de fora.

Não há nada como a concorrência.

A batata é o alimento dos pobres e estes não podem chegar-lhe.

Dantes, dizia-se ou isto é assim ou então a lógica é uma batata.

Agora, a batata já não entra nos domínios da lógica.

Até à próxima, se Deus quiser!

Ruivães, 7-3-1960

Amadeu César

Castro de Carrazedo

por Domingos M. da Silva

Porto para o Alentejo, com o seu Regimento.

E entramos na série das várias comendas que tiveram os antigos senhores de Castro, uma das mais antigas a de Coucieiro, na Ordem de Cristo; depois, uma das mais importantes, a comenda do Seixo do Ervedal de que se viu o respectivo diploma de ampliação por 3 vidas em vez da confirmação do título de conde de Amares; a comenda de Sant'Iago da Várzea por ser pertença da comenda da vila do Casal; a comenda de Semeice. Delas pagavam os devidos direitos ou anatas e os quintos ao Colégio dos Militares de Coimbra.

Também andou na posse dos Machados a comenda de S. Martinho do Bispo.

Este é o inventário, muito resumido, das mais importantes possessões e jurisdições da antiga Casa de Castro.

Adquiridas por concessão, compra ou troca, raramente saíram por venda ou dotação de casamento e partilhas, que eram contrárias à conservação dos vínculos, embora redundassem em prejuízo da maior parte dos descendentes das numerosas casas vinculadas.

Há, por conseguinte, motivo para perguntar como se desfez tão importante conjunto de bens e haveres, de tantas quintas, casais e herdades que compunham estes morgados.

Diz Montebelo, na Vida que escreveu de seu bisavô Manuel Machado, que só o de Castro tinha mais de 500 casais.

Foi o sistema que correspondeu a um determinado e longo período da vida económica nacional—o dos arrendamentos a longo prazo—que levou à posse de milhares de famílias do povo terras e propriedades cujos herdeiros e possuidores de nossos dias já têm dificuldade de saber qual foi, há 200 ou 300 e mais anos, o seu verdadeiro senhorio directo.

A distribuição e bôdo fez-se desse jeito e em benefício de estranhos. A melhor parte das terras eram honras e coutos dos mosteiros

ros e das igrejas: as primeiras obtidas em razões de cavalarias, com base no poder de reconquista ao inimigo; os segundos por meio de régia concessão, foram pouco a pouco emprazadas ao agricultor que as desbravou e semeou, ficando de pagar, com base na sua medição ou produção, o foro ou renda do contrato, que ao tempo foi razoável, mas depois se tornou insignificante em relação à constante valorização da propriedade; finalmente quase esquecida e fortemente reagida a obrigatoriedade do pagamento de foros, censos e rendas antigas.

Ao mesmo tempo foi conferindo o direito de posse a permanência do trabalhador sobre a parcela de terra em que exercia o seu rude labor, derramava os seus suores, ganhando-lhe amor. Foi o período áureo e feliz da vida campestre.

Arrendatários ou caseiros de ontem, senhorios de hoje os seus herdeiros, se é que não se perdeu de todo pelo caminho da Revolução liberal o herdado património, repare-se nas condições de contratos e contas que fazem aos seus novos caseiros, as possibilidades que ficaram de permanência ao serviço da gleba e rendimento do seu esforço. É a mais forte razão da debandada dos campos. O mal vem de longe. Propriedades há que têm mudado muitas vezes de dono—estão pesadas a dinheiro, argumenta-se que é preciso tirar o rendimento do capital.

Dia a dia não-de valer mais; e os filhos e os netos dos que de terra se vão desfazendo, trocando o certo pelo incerto, não-de lamentar cada vez mais a pouca sorte do mau negócio que fizeram seus avós ao entregarem-na pela tentação do dinheiro ou da aventura.

Verdade é que os tempos modernos trouxeram consigo perigos de toda a espécie, conducentes à dissipação da fortuna e haveres e essas dificuldades estenderam-se de alto a baixo contra uma segura retenção da grande ou pequena propriedade.

Sem grandes esperanças de melhores dias, onde a questão do fundo há muito enferma, o que os povos deveriam ter tido em vista, mais atenta, é o caso das bruscas sacudidas sociais e quebra de tradições e costumes que fizeram felizes seus gloriosos antepassados fiarem-se menos em falsos ídolos, com promessas de liberdades

(CONTINUA)